

ARQUEOLOGIA DA RELAÇÃO ATOR/ ANALISTA: ITINERÁRIO DE UM PESQUISADOR*

Françoise Chébaux **

1. PONTO DE PARTIDA

Universitária e pesquisadora é para procurar refletir sobre a construção do meu itinerário que aqui vou avançando, para tornar claro o meu ponto de partida.

Inicialmente elaborei uma tese de 3º ciclo acerca dos atos de interpretação do marginal e da marginalidade nos discursos do Trabalho Social (1981, 1985).

Iniciado no domínio do Trabalho Social, esse itinerário conduziu-me progressivamente a um trabalho junto a crianças que sofrem em razão de uma ausência dos pais, colocadas momentaneamente, ou de modo mais duradouro, nos dispositivos de atendimento dependentes da Direção Departamental de Ação Social e Sanitária (DDASS).

Vou explicitar a escolha que operei da visão do campo social, meu ponto de partida, e tentar mostrar como, em função de objetos cada vez mais específicos, considerando a minha experiência de pesquisadora, elaborei a minha postura. Digo de passagem que me situei na oscilação entre um campo de referência sociológico e um campo psicanalítico.

* Archéologie du rapport acteur/analyste: itinéraire d'un chercheur.

** Centre d'Études et de Recherches en Sciences de l'Éducation, Université de Caen.

Além das referências à minha própria postura, foi à arqueologia do ato de pesquisa que eu me atrelei. Constituiu-se, desde o primeiro contato, numa tomada de posição não consciente, sensibilidade singular do pesquisador. Ela o conduz a operar escolhas na construção da realidade, um objeto de pesquisa e uma perspectiva de análise. Só a elucidação desse encaminhamento implícito torna possível à pesquisa, o acesso ao estatuto de análise de uma realidade que visa a um sentido. O sentido, no campo das ciências humanas e sociais, é elaborado no encontro ator/analista, a partir de seus pontos de vista respectivos. Tanto um como o outro, – a minha prática me ensinou –, correm o risco do fechamento na ideologia, ponto de vista relativo a um e ao outro, edificado no absoluto. Para sair desse fechamento tanto um como o outro devem fazer o trabalho de luto de uma posição de tudo saber, certeza fascinante cuja transposição garantirá a abertura ao outro. A posição do analista, seja ela reivindicada pelo pesquisador – intelectual – ou o ator – praticante – só será edificada nessas condições. É enfim um ponto que merece ser examinado no campo das ciências da educação, se quisermos defini-lo como o lugar de encontro das subjetividades inter-humanas.

Uma tomada de posição desde o primeiro instante

Uma das idéias inovadoras de A. Touraine é a de Movimento Social. Utilizado quase sempre de modo indiscriminado, este conceito implica uma visão da sociedade que não é a de simples sistema de normas, nem puro sistema de dominação. É um campo de relações sociais, de conflitos, de iniciativas e de alienações, de reivindicações e de resistências.

Em seu proceder, essa forma de pensamento não admite descrever simplesmente a ordem social, identificar-

se com o discurso que a sociedade mantém sobre ela própria, reduzir as condutas a respostas às normas existentes. Ela vai na contracorrente da ordem, em direção às forças que a estruturam e examina as condutas pelo que elas põem em questão.

Analisando, em retrospectiva, a construção de meu procedimento e o objeto ao qual o apliquei, sei que resulta, em sua origem, do encontro entre posições. Minha sensibilidade me conduzia a desmarginalizar o marginal, de modo a lhe dar, na análise, um lugar de ator. Uma vez que partilhava a mesma visão da realidade que A. Touraine, encontrei um modo de pensar em que os conceitos de ação e de ator eram as peças fundadoras do sistema teórico. Assim sendo, segui de imediato, o mesmo procedimento.

O pesquisador tem, desde o início, uma visão de mundo, advinda de sua própria sensibilidade, a partir da qual vai operar escolhas. Procedendo assim, constrói a realidade, partindo dele próprio essencialmente. Do mesmo modo se manifesta o meu ponto de partida. Do mesmo modo tornar-se-á o meu ponto de chegada.

A objetividade, uma tomada de consciência

A. Touraine (1973, p. 49) nos conduziu a discernir os objetivos, os conceitos e os fenômenos aos quais um campo de conhecimento atribui sentido.

On peut accepter que certaines recherches ne soient pas conscientes des orientations théoriques sur lesquelles elles reposent. Mais la sociologie est trop mêlée au monde des opinions et des idéologies pour se passer aisément d'un

*effort constant de définition de ses démarches et de critique des ses limitations.*¹

Ele conduz o pesquisador a tomar consciência de seu ponto de partida, a reconhecer que toda construção de um campo de intervenção intelectual se fundamenta, em princípio, em função das escolhas e das limitações, quase sempre implícitas, que opera o pensamento em sua visão do mundo.

A clarificação dessa visão do mundo se impõe como momento epistemológico *sine qua non* e primeiro. Sua ausência revelará um pensamento totalizador que se vai ignorar como relativo a um pesquisador, à sua sensibilidade e aos seus preconceitos intrínsecos. Ela fará surgir uma postura absoluta... de verdade e correrá o risco da ideologia. Sua presença aparecerá, ao contrário, como instituidora de uma legitimação criadora da escolha de um objeto de pesquisa e da perspectiva que permite conhecê-lo. Não mais verdade, o discurso teórico tornar-se-á então liberdade, notadamente para o leitor.

C'est à travers les hypothèses, la construction de l'objet et du cadre d'analyse que le discours d'interprétation marque sa distance par rapport au réel et constitue le champ à l'intérieur duquel il est recevable (Wolton, 1977, p. 40).²

¹ "Pode-se aceitar que certas pesquisas não sejam conscientes das orientações teóricas sobre as quais repousam. Mas a sociologia está muito ligada ao mundo das opiniões, para privar-se facilmente de um esforço constante de definição de suas abordagens e de crítica de suas limitações".

² "É através das hipóteses, da construção do objeto e do quadro de análise que o discurso de interpretação marca a sua distância em relação ao real e constitui o campo no interior do qual ele tornar-se-á aceitável".

Pela elucidação de seu ponto de partida, o pesquisador vai garantir a liberdade da legitimidade de seu pensamento – atitude à qual eu dou um nome: a objetividade – e a liberdade de distanciamento do leitor.

Ator e analista, as duas faces da mesma moeda

Fui colocando no centro da cena social a capacidade contestadora, conflitante dos atores, sabendo muito bem que, em meu domínio, estavam divididos, reduzidos ao silêncio ou à violência.

Minha tomada de posição levava-me a descobrir nos marginais a imagem de uma sociedade que os age mais do que os deixa agir. Falarei de atores sociais divididos.

Consciente de meu ponto de partida – o ator e a ação coletiva – e do procedimento intelectual que implicava – ir além das categorias da ordem –, dirigi-me para a reconstrução de uma leitura da realidade marginal.

Apliquei aos discursos e às representações que eram o objeto de minha tese, a exigência rigorosa de retorno sobre si, como havia aplicado a mim própria. Busquei deles o ponto de partida implícito.

Fui constatando que, nos discursos, a clientela do Trabalho Social, essa massa de população, excluídos à margem do centro, ia proceder como uma representação em termos de marginalidade, não atores. Do mesmo modo, lia-se o seu ponto comum.

Por mais que me esforçasse para identificar três modos de abordagem, três representações da marginalidade, para além de sua diferença, elas permanecem neste ponto em sintonia.

Verificarei que essa abordagem comum se apresentava como conseqüência de sua construção teórica da sociedade. Vão descrevê-la como uma ordem absoluta, de onde está excluída toda lógica de ação.

Em desconhecendo esse ponto de partida implícito, essas representações vão edificar uma abordagem, um método de intervenção, igualmente cúmplice da Ordem, para além do discurso aparente.

Essa postura cúmplice da Ordem no Trabalho Social, fui me dando conta, resumia-se em uma palavra: o tratamento.

O projeto de "tratamento" que posiciona em combate singular o especialista e o paciente, tendo como vencedor o especialista, graças a uma grande quantidade de estigmas e de taxionomia.

Não só ele vai etiquetar, mas também encerrar cada um dentro de si:

Tel est le malentendu, voir le "drame" de la relation de service – qui n'est pas d'ailleurs réductible au seul service médical- dans ses modalités et ses pré-supposés, ses enjeux et ses épreuves; elle voue chaque partie (le médecin et son patient) à rejeter "ce que l'autre lui offre", (Lucas 1978, p. 51) a propósito da relação de ajuda.

³ "Tal é o mal-entendido, até mesmo o "drama" da relação de serviço - que aliás não é redutível ao único serviço médico - em suas modalidades e seus pressupostos, suas tramas e suas experiências; ela conduz cada parte (o médico e o seu paciente) a rejeitar "o que o outro lhe oferece".

Meu procedimento constituiu-se desde a minha tese de terceiro ciclo. Ia tentar construir, até hoje, uma teoria que se questione e ajude o interveniente a questionar-se desse risco...do diagnóstico, do tratamento, dessa tendência a pôr em cartões, em fichas, numa espécie de nosografia pronta-para-ser-consumida, que mantém o interveniente numa linha paralela ao usuário de seu serviço. Ia mostrar que o encontro trabalhador social/usuário será impossível, a partir da análise do ponto de partida não-consciente, inerente a essas representações da marginalidade e do marginal. Se a postura de intervenção se mantinha no tratamento e na reeducação normativa, é que se originava em uma opinião preconcebida, visão da sociedade implícita, ela própria sinônimo de ordem absoluta a respeitar. Se toda capacidade de ação era negada em seu curso é que também o era em sua fonte original.

No fundo, a minha tese tinha apenas como objeto pensamentos que se ignoravam como ideológicos. Chegara a esta conclusão que apresentava certo interesse para o trabalho social.

Ia me certificando de que a postura de “tratamento” e seu corolário, a cura, tinha um correspondente do lado do pesquisador: a postura de saber e seu corolário, o controle do sentido.

Para questionar o primeiro, fui descobrindo que era, inicialmente, do lado do segundo que deveria reconhecer o obstáculo.

É com a ideologia que a minha experiência de pesquisador ia confrontar-me. Nessa época, já havia percebido que, examinando a sua opinião preconcebida, uma reflexão – a do analista, assim como a do ator – se

distanciaria de uma posição de verdade. O objeto de minha tese me havia permitido sustentar e confirmar esse objetivo prioritário. A continuação de minhas investigações foi me dando a ocasião de trabalhar, não mais o momento primeiro da construção de uma análise, mas, através do confronto de diferentes atores, o próprio ato de análise.

2. IDEOLOGIAS OBSTÁCULO

Les sociologues se méfient à juste titre de toutes les formes d'identification de l'observateur à l'acteur, parce qu'elles réduisent l'analyse à l'interprétation d'un discours et la dégradent pour ainsi dire en idéologie au second degré", afirma Touraine (1984-1-, p. 36).⁴

Desde o início de minha prática de pesquisador – como estudante/pesquisador – até mesmo durante a minha prática - como docente/pesquisador – defrontei-me com a ideologia do ator⁵, trabalhador sócio-sanitário, até me ver proibida de análise.

No âmbito de minha tese de terceiro ciclo, o objeto intencional – o estudo das populações marginais, clientes do Trabalho Social – teve que ser transformado no

⁴ "Os sociólogos suspeitam, com razão, de todas as formas de identificação do observador com o ator, porque elas reduzem a análise à interpretação de um discurso e a degradam, por assim dizer, numa ideologia em segundo grau".

⁵ Convém diferenciar a noção de ator, conceito que utilizo para definir a capacidade do homem, individualmente ou coletivamente, em fazer a sua história, da noção posta em prática quando falo da relação ator/analista, mudança de registro que opõe duas abordagens: a da ação e a do conhecimento. Quando falar do ator tendo em vista a abordagem, acrescentarei, na escrita, (do) trabalhador sócio-sanitário, na medida em que o ator encontrado tinha esse estatuto.

estudo das representações do marginal e da marginalidade, graças a uma ordem para deixar a equipe de trabalhadores sociais que me havia acolhido, seguir sozinha as suas pesquisas acerca da problemática da população. Sozinha... mas secundada por um profissional, promovido coordenador da pesquisa em curso.

Igualmente, da população como objeto de estudo, decidi trabalhar sobre as ideologias obstáculo.

Deduzi, deste fato, que a postura do analista vê-se obstruída, em proveito da fusão ator/analista, isto é, do privilégio da ideologia. Nunca vou deixar de encontrar esse perigo ao longo de minha prática. Qualquer que fosse o objeto de pesquisa com o qual trabalhei, encontrava resistências à análise. Elas apareceram sob a forma de encontros fixados e não cumpridos, de questionários devolvidos e inaproveitáveis, ou de condições de trabalho impossíveis: o local da entrevista situado na secretaria da equipe onde telefonemas e visitantes se sucediam.

Três dimensões estão diversamente postas em causa nessa defesa: o próprio ato de pesquisa (I), o método (II), a deontologia do pesquisador (III).

Vou retomá-las, uma a uma, dando conta, deste modo, das bases princeps da construção do ato de análise, via meus objetos de pesquisa e meu procedimento de análise.

2.1. AS RESISTÊNCIAS À PESQUISA

O método como execução de uma teoria

Os praticantes, nessa situação, negam-se a participar da pesquisa, argumentando da necessidade que

têm de conhecer, até mesmo de co-definir, as hipóteses do pesquisador. “Se delas não partilho, vejo-me no direito de não participar de sua pesquisa”, diziam-me.

O trabalho de análise deve ser partilhado, do contrário, a pesquisa pode vir a ser questionada. O que está em jogo: a análise e sua definição.

Havia ficado claro que o ato de pesquisa passava necessariamente pela consciência que o pesquisador deveria ter de seu ponto de partida e de seus preconceitos.

Continuava as minhas investigações apoiando-me na sociologia de Touraine (1984, p. 197): *Chaque méthode correspond à un mode d'approche, à une représentation de la réalité sociale et par conséquent au la réalité chois que fait le chercheur de privilégier un certain type de conduites.*⁶

Não há método sem teoria, não há teoria fora de uma construção, não há teórico sem engajamento.

Fui guardando na memória que a visão do mundo do pesquisador influenciava, implicitamente, e o tipo de condutas estudadas, e o modo como eram estudadas, e o objeto e o procedimento da investigação.

Ia ser integrada ao Centro de Análise e de Intervenção Sociológica – CADIS – de A. Touraine e acompanhar de perto as questões relativas ao objeto e ao método.

A aparição em cena da pesquisa de Intervenção Sociológica ia provocar vivos debates, para não dizer resistências, tanto de um lado, como do outro. Fui

⁶ “Cada método corresponde a um modo de proceder, a uma representação da realidade social e, por conseguinte, à escolha que faz o pesquisador em privilegiar um certo tipo de conduta”.

acompanhando como tudo se articulava para estabelecer esse precedente.

Estava especialmente aberta às críticas de Amiot (1980) e de Dubost (1980), devido talvez à minha formação anterior e à minha prática de psico-socióloga, como auxiliar de ensino na Universidade, ao lado das minhas atividades de pesquisadora.

Tanto um, como o outro, tinham ido de encontro ao aspecto de pedagogia demonstrativa que entreviam no método, o essencial da experiência elaborando-se a partir do saber do interveniente.

Instigavam a encontrar, segundo as palavras de Dubost (1980, p. 116) *dans le champ social les conditions pratiques et les bases épitémologiques d'une approche clinique spécifique*.⁷

Ambos, em função da referência ao campo clínico, chamarão a atenção para o fato de que, em se desejando desempenhar o papel de analistas, convém respeitar o modo de intervenção: se o analista interpreta, o trabalho de análise será fruto de um duplo encontro entre analista e analisante.

Ora, aqui, numa espécie de "pré-estréia profética" (Amiot, 1980 p. 416), o pesquisador "induz à auto-análise", à "confrontação", ao "debate de idéias" (Dubost, 1980 p. 162), sem que a análise possa tornar-se coletiva ou recíproca.

N'est-ce pas par l'intervention d'un autre mode de relation avec l'acteur que l'intervention sociologique peut échapper

⁷ "(...) no campo social, as condições práticas e as bases epistemológicas de uma abordagem clínica específica".

au piège d'une relation formatrice portée par la pédagogie du modèle et rester ouverte à d'autres hypothèses que celles qui structurent la démonstration?", perguntava-se Dubost (1980 p. 166).⁸

Fui observando Touraine responder sobre esta questão – como, aliás, estranhamente, J. Dubost havia compreendido –: na Intervenção Sociológica, não são os indivíduos que são objeto de análise, mas o sistema de ação do qual são parte integrante.

Depois do objeto e de sua teorização, A. Touraine tratava – só nesse momento – do método.

Nesse estágio, deduzi que as questões de método formuladas no absoluto não tinham nenhum sentido, exceto o fato de serem percebidas como “a prática de uma teoria” (Touraine, 1978, p.187). É evidente aqui que o objeto, sua concepção, e sua representação teórica são anteriores.

Um passador

Partia-se, assim, de uma visão do mundo que privilegiava um objeto e que impunha um olhar, um procedimento. Residia numa convicção teórica e prática: *“le problème qui se pose aux chercheurs est donc: comment passer de l'ordre des réponses à l'ordre du questionnement?”* (Touraine, 190, p. 425).⁹

⁸ “Não é pela intervenção de um certo modo de relação com o ator que a intervenção sociológica pode escapar da cilada de uma relação formadora, condicionada pela pedagogia do modelo, e permanecer aberta a outras hipóteses diferentes daquelas que estruturam a demonstração?”.

⁹ “O problema que se apresenta para os pesquisadores é o seguinte: como passar da ordem das respostas à ordem do questionamento?”.

A análise consistia em ir de uma situação à sua produção, abandonar o plano das práticas-respostas e dirigir-se para aquele da produção conflitante de uma situação (ibid, p. 426). O que importava era o movimento de retorno em direção ao oculto. A abordagem hermenêutica continha o ato de análise.

Para assentar a sua teoria e o seu modo de intervenção, A. Touraine reivindicava a analogia de sua abordagem com a psicanálise, ainda que o seu objetivo e o seu raciocínio fossem outros.

Ceux qui veulent aller au-delà de la conscience pour découvrir l'inconscient et y lire l'histoire et les mécanismes de formation d'une personnalité doivent intervenir et ne pas seulement observer; ils ont reconnu depuis Freud que c'était par leur médiation que l'individu pouvait changer de plan" (ibid, 1980, p.426).¹⁰

Entendia na verdade as observações de Dubost & Touraine (1980, p. 162).

Pour nous, en choisissant de s'engager dans une démarche clinique, la sociologie doit se reconnaître marquée du sceau de l'implication, accepter un autre statut dans le travail de production de la connaissance, assumer une identité non positiviste,

¹⁰ "Aqueles que querem ir além da consciência para descobrir o inconsciente, e nele ler a história e os mecanismos de formação de uma personalidade, devem intervir e não só observar; reconheceram, a partir de Freud, que era por intermédio deles que o indivíduo podia mudar de plano".

*renoncer à un certain label de scientificité,
à une certaine idéologie de la science.*¹¹

Como ele, percebia que o grupal era mantido entre parênteses, que seguramente a Intervenção Sociológica não era inocente do ponto de vista psicológico, que os fenômenos inconscientes não podiam deixar de operar em uma ação coletiva.

Mas, A. Touraine mostrava que o "laboratório" da Intervenção Sociológica funcionava também de modo tão a-social quanto o divã. Referia-se ao grupo de intervenção como "artificial". Apresentava-se como a realização do objetivo de uma análise cujos objetos e princípios eram profundamente autônomos e contraditórios com os da psicanálise.

Se analogia havia entre a Intervenção Sociológica e a psicanálise, ela consistia na necessidade de um analista, portador, capaz de realizar esse movimento de retorno.

A pesquisa do CADIS sobre o movimento operário (1984-2-), da qual havia participado como estudante/pesquisador, mostrou-me a consciência de classe do ator operário que se sentia dominado e explorado pela organização do trabalho, e também que o sociólogo poderia dar-lhe o direito de ampliar o seu campo de análise, de considerar o seu adversário e as implicações do conflito.

¹¹ "Para nós, ao optar por se engajar numa abordagem clínica, a sociologia tem de se considerar marcada com o selo da implicação, aceitar um outro modo de relação com o ator, reconhecer-lhe um outro estatuto no trabalho de produção do conhecimento, assumir uma identidade não positivista, renunciar a uma certa marca registrada de cientificidade, a uma certa ideologia da ciência".

O ator – tanto o operário, como o trabalhador sócio-sanitário – era apenas uma parte e, para tornar-se juiz, para considerar a relação, necessitava de um “passador”, como definia Touraine (1980, p. 426) o pesquisador, analista.

Com este debate, fui compreendendo, por um lado, que, desconhecendo a questão central do objeto da análise, todos os mal-entendidos iam aparecer, dando lugar às resistências dos... pesquisadores. Tornavam-se ideólogos, projetando seu objeto e sua própria abordagem, suas questões sem respostas, para uma outra cena que não a deles. Por outro lado, fui me convencendo de que os instrumentos deviam ser adaptados ao objeto a reparar.

A teoria como ficção

Ia encontrando resistências no próprio ambiente de pesquisa. Eram inerentes aos contornos ideológicos do ator, trabalhador sócio-sanitário, ao seu desejo de defender o seu ponto de vista, à sua dificuldade em ser árbitro e parte integrante.

Fui começando a avaliar que a ideologia podia apresentar-se como a causa melhor partilhada (!), tanto pelo pesquisador, como pelo ator. Construindo o meu procedimento, deveria tomar cuidado.

Havia chegado a um ponto em que era a teoria que comandava o método, o analista o processo de análise com o ator.

M. Mannoni foi um choque. Graças a ela e a F. Dolto, ia proceder a uma mudança de perspectiva, em proveito da dúvida e do imprevisto. Começava a chegar no terreno da clínica.

la percebendo, seguindo o caminho aberto por Freud, e para parafrasear Mannoni (1979, p. 20), a passagem progressiva da teoria, não mais como instrumento de conhecimento, e sim como instrumento de análise.

Na perspectiva de A. Touraine, objeto e objetivos exigem, situava-me no âmbito do primeiro. Voltava-me, em função de meus próprios objetos – a criança excluída, internada, abandonada – para a construção do segundo.

Fui circunscrevendo, em diferentes ocasiões, um dos limites da área que se ia edificando: não se tratava de pôr em causa a necessidade de um saber, mas do modo como dele nos servíamos.

Ce qui reste obscur, chez l'analyste, ce n'est pas la connaissance qu'il a en matière de psychologie analytique, c'est la façon dont, avec ce savoir, il réussit à s'entendre avec un autre qui, peut-être du seul fait qu'il est "compris", se comprend lui-même" afirmava (Mannoni, 1987, p. 30).¹²

O saber ou os saberes do analista são, sem sombra de dúvida, o "seu mapa" e a "sua bússola". Permitem-lhe identificar os obstáculos com os quais o analisante se defronta, mas o "segredo da análise" (ibid.) não se encontra neles.

Freud, nas diferentes etapas de sua pesquisa, havia dado uma pista. Situou esse segredo no movimento entre o

¹² "O que permanece obscuro, no analista, não é o conhecimento que tem em matéria de psicologia analítica, mas o modo como, com este saber, consegue se entender com um outro que, talvez pelo fato de ser "compreendido", compreende-se a si próprio".

paciente e o analista e o que aí se apresentava como obstáculo.

la compreendendo que o trabalho de análise era feito, por certo, "... com o saber que o paciente atribui ao outro" (Mannoni, 1979, p. 22), atributo de verdade que supõe ao analista, mas também na atualização de um elemento associado à pessoa do analista que se encontra de fato ligado a alguma coisa de já constituído, mas que não se declara, recalcado que está, como explica Mannoni (1985, p. 41).

Transferência e resistência se instalavam. Dito de outra forma, ia descobrindo que o saber não mais comandava a análise.

À certeza do saber, necessário ao analisante, na medida em que instaura o analista como sujeito suposto saber, devia estar subordinada a incerteza da teoria:

*... dénoncer comme erreur toute preuve de vérité dotée des oripeaux d'une certitude mettant le savoir et le travail de l'analyste à l'abri de toute interrogation*¹³
(Castoriadis - Aulagnier, 1974, p. 21)

como sugeria Castoriadis-Aulagnier (1974, p.21). Essa incerteza se apresentava como abertura.

... comment aborder un patient, si dès l'abord un langage "psy"(vocabulaire

¹³ "... denunciar como erro toda prova de verdade dotada das aparências de uma certeza que protege o saber e o trabalho do analista de qualquer questionamento".

*psychiatrique, psychanalytique) nous en sépare?*¹⁴ (Hannani, 1979, p. 11)

perguntava-se Mannoni (1979, p. 11).

*... le discours théorique dérive du discours dit clinique, mais aussi le discours clinique dérive du discours théorique, ces deux discours trouvent leur source dans leur articulation même ...*¹⁵ (Vasse, 1974, p. 23).

Terminava nesse momento por considerar a teoria como ficção, como um instrumento a serviço de uma prática quando, na verdade, tinha sido ensinada a viver uma prática como a realização de uma teoria. Radical mudança de perspectiva, cuja explicação encontro na mudança de objeto e, portanto, de objetivos.

2.2. AS RESISTÊNCIAS AO MÉTODO

Da ideologia do ator...

Argumento corporativo: só um trabalhador social pode falar de sua realidade. "O que nos estaria ensinando que já não sabemos?", diziam-me... A arte e o modo de eliminar todo ato de conhecimento. Como se bastasse ter vivido um acontecimento internamente, para possuir a única legitimação para dele falar!

Minha intenção iria resumir-se em romper com o discurso que a ação educativa mantinha sobre ela própria.

¹⁴ "... como abordar um paciente, se, desde o primeiro contato, uma linguagem "psi" (vocabulário psiquiátrico, psicanalítico) dele nos separa?

¹⁵ "... o discurso teórico deriva do discurso dito clínico, porém o discurso clínico deriva também do discurso dito teórico, esses dois discursos têm a sua origem em sua própria articulação ..."

“Nossos objetivos, nós os sentimos”, dizia-me um educador, significando com isso a sua impossibilidade em nomeá-los. Por trás da ordem aparente das práticas, fazer surgir o que está em jogo. Romper com o discurso que a ação educativa mantinha sobre si própria, fosse ele um não-discurso. Destruir a ideologia.

A minha prática de auxiliar de ensino na Universidade abria-me a possibilidade do contato com diversos grupos de trabalhadores sócio-sanitários – trabalhadores sociais, psicólogos, médicos, administradores–. Através de minhas intervenções de psico-socióloga, ia escutando, por um lado, a resistência do ator, trabalhador sócio-sanitário, à conscientização e, por outro, a sua solicitação para conceber a sua prática, para referí-la a um corpus que se transformasse em signos e em sentido.

Minha prática inicial de pesquisadora me confrontava com o vazio do sentido: nem palavras, nem documentos de análise produzidos a partir das situações.

Minha surpresa frente a esse vazio não era inocente. Ela se devia, para mim, ao fato de que é, nesse lugar, que a “... consciência é surpreendida pelo erro que opera o essencial”, como diziam Gori e Miollan (1980, p. 94).

O que me leva a afirmar hoje que a ideologia recobre esse vazio - dissimula o essencial. Minha posição ia se elaborando: era nesse vazio que o analista seria interpelado.

... à utopia do analista

Silva (1993, p. 31) chama a atenção, em sua tese, para o papel preponderante que desempenha o pesquisador

na Pesquisa-Ação. Produz o saber e o restitui ao grupo, com o intuito de favorecer o processo de mudança dos atores.

“A utopia da restituição”, como chama Lucas (1978, p. 67), que consiste, para os intelectuais – tanto o sociólogo, como o trabalhador sócio-sanitário – em querer com a sua resposta abolir, preencher o vazio de saber daqueles que supostamente dele estão “privados”.

Começava a perceber, graças a M. Mannoni, a função dessa utopia, para não falar de fantasma.

Ela indicava como “a objetivação do subjetivo”, hábil defesa, tinha permitido, e ainda continuava permitindo, a constituição de um outro - no caso presente, um psicótico - como “estrangeiro” cuja postura podia ser transformada em “... “signos” de uma “doença” qualquer” (Mannoni, 1979, p. 11).

O equívoco protetor tinha, como efeito, dar ao analista o benefício secundário de desempenhar o papel do profissional armado de um saber que dominava, e de atribuir ao sujeito de excentricidade perigosa “o lugar de um excluído” (idem, p. 143). E às estruturas ameaçadas pela loucura, de poderem conservar ordem e equilíbrio...

“Deixar em paz o sujeito”, não procurar curá-lo a todo custo, é o que dizia, de outro modo, M. Mannoni, referindo-se ao seu domínio (idem, p. 16). *Ce que le schizophrène nous demande, c'est non pas d'être compris, mais d'être accueilli dans la différence qu'il revendique.*¹⁶ (Mannoni, 1979, p. 16).

B. Mottez (1976, p. 392) mostrava *“qu'on se désintéresse totalement de l'alcoolisme dans le moment*

¹⁶ “O que o esquizofrênico nos pede é, não para ser compreendido, mas para ser acolhido na diferença que reivindica”.

même qu'on prétend vouloir le combattre".¹⁷ (Herzlich, 1970, p. 26).

Herzlich (1970, p. 26) reforçava essa exigência. Referindo-se a E. Goffman, afirmava ela que: *c'est à travers le refus d'envisager l'interné comme "un malade" que la condition qui lui est faite dans la société prend tout son sens*.¹⁸

Esforçava-me por explicar essa defesa: essa tendência para o diagnóstico, campo invisível, tão bem partilhado tanto pelos trabalhadores sociais, como pelos analistas e pesquisadores.

Não abandonava a minha convicção: ir além da ordem, das respostas, ir até aos questionamentos.

la atribuindo à ordem e às respostas toda atitude nosográfica, fosse ela originada da atitude do analista que pretendesse saber ou da atitude do trabalhador social que desejasse curar.

Observara que a teoria produzia ficção. Compreendia a sua função: o teórico tinha necessidade disso para permanecer numa posição de saber. Procedendo desse modo, corria o risco de responder à questão do ator com a sua própria resposta. Ele próprio eliminava, então, o ato de conhecimento e de análise. Se pudesse atribuir sentido, seria para reconhecer nele a condição primeira da análise: não consentir em utilizar o outro como ilustração de um diagnóstico.

¹⁷ "Que se deixa de ter totalmente interesse no alcoolismo, no justo instante em que se pretende querer combatê-lo".

¹⁸ "É através da recusa em considerar o interno como um "doente" que a condição que lhe é reservada na sociedade adquire todo o seu sentido".

O analista como suporte

Após a interrogação da situação (cf.1), e a fim de encontrar o campo de relações entre pesquisador e trabalhador sócio-sanitário, eu tinha de me fixar na posição do detentor do saber.

Nesse caso, prosseguia as minhas investigações na direção dos analistas que desejavam romper com a certeza que confere o saber. Apegava-me às imagens épicas encontradas em A. Tourraine que tinha por finalidade constituir um drama na cena da intervenção sociológica, com a diferença que, na frente de batalha, eu colocava as resistências do analista.

Acontecia assim, pressupunha, com todo analista, fosse ele sociólogo, psicanalista...ou trabalhador sócio-sanitário, quando se tornava, ele próprio, analista de uma situação pessoal, familiar ou social.

Tinha a sensação de que, pondo abaixo as resistências – simplesmente as reconhecendo – só então conseguiria reunir as condições para instaurar um dispositivo capaz de contribuir, junto ao trabalhador sócio-sanitário, como também junto ao sociólogo, para a acolhida do Outro enquanto Outro. Ia então me lançar na direção dessa fortaleza...

Ia procurar entender a definição do analista.

Si Freud insiste (suivant une tradition néo-positiviste) sur la nécessité d'observer les faits, ce à quoi par ailleurs il nous rend sensible est la nécessité d'une démarche

fondée sur l'interprétation", comentava Mannoni (1979, p. 19).¹⁹

A partir de um debate em torno de O. Mannoni, fui aprendendo que o psicanalista, certamente, intervém e interpreta, que ele ... *manifeste un entendement qui va au-delà du manifeste ...*"²⁰ como vai propor C. Stein (1987, p. 36).

Porém, deste entendimento, Mannoni vai deduzir o papel do analista. Ele aparece, nesse caso, "*... comme support des interrogations, des résistances, des doutes du patient.*"²¹

Se a abordagem residia na interpretação, o sentido, no entanto, não residia no lugar em que um pensamento positivista acreditava. Seria necessário tornar-se mais sutil. Mesmo Lacan conferindo ao analista a direção da cura, Mannoni (1987, p. 20) nos levava a perceber que, se o monteiro-mor conduz a corrida, é o cervo que a dirige onde quiser. Dito de outra forma: "*l'analyste est peu-être un guide - mais c'est l'analysant seul qui doit finir par savoir où il veut aller*" (ibid., p. 30).²²

Winnicott (1962, p. 155) conduzia o analista ao que Mannoni (1979, 61) chama de "uma posição de humildade".

Se o analista tem, na verdade, pontos de referências, suas construções, que devem ser guardadas por ele para ajudar o paciente, também não pode perder de

¹⁹ "Se Freud insiste (seguindo uma tradição neo-positivista) sobre a necessidade de se observar os fatos, ao que, por outro lado, ele nos sensibiliza, é a necessidade de uma abordagem fundada na interpretação".

²⁰ "... manifesta um entendimento que vai além do manifestado/...".

²¹ "Como suporte das interrogações, das resistências, das dúvidas do paciente".

²² "O analista é talvez um guia - porém é o analisante, unicamente, que deve acabar por saber onde deseja ir".

vista que é, ao perdê-las, que vai assegurar a execução do processo analítico. O professor é o paciente.

A atenção deve ser dirigida para o analisante que produz a sua análise, desde que o analista queira dar lugar à relação, e não mais à dominação.

Vim a melhor compreender que, se ele está presente, é na sua própria ausência que fará sentido, juntamente com o imprevisto que surge, com o que se esquiva, desde que tenha podido se livrar da ilusão de um saber protetor.

E, é só nesse momento que poderá recorrer a enunciados referentes.

*Aussi est-ce avec ce qui se dérobe à lui, que l'analyste, comme poussé par une exigence intérieure, va effectuer un travail d'élaboration théorique.*²³ (Mannoni, 1979, p. 35).

Se o analista tivesse a ver com a teoria, seria para compreender a sua própria, contanto que, através desse movimento, não permanecesse surdo ao imprevisto, que ela lhe permitisse, pelo menos, como sugeria Winnicott, (1975, p. 188) "manter a cabeça no lugar", na postura indispensável que consiste em se colocar na pele do paciente.

Fui elaborando um novo ponto de ruptura: o analista tem que abandonar os códigos, as categorias prontas a serem consumidas, e promover a comum criação de um

²³ "Também é com o que lhe escapa que o analista, como que impulsionado por uma exigência interior, vai efetuar um trabalho de elaboração teórica".

espaço de onde jorraria o sentido: a partir da relação entre paciente e analista.

A pesquisa, um domínio comum

Da relação nasceria o sentido, e não mais do analista e da sua teoria unicamente.

*Qu'est-ce qui induit du changement psychique? Ce ne sont sûrement pas nos théories qui en sont responsables! Les patients évoluent, perdent leurs symptômes et acquièrent un nouvel élan de vie avec des analystes munis de théories fort différentes quant à la conduite de la cure, ou pour expliquer ces changements*²⁴ (Dougall, 1987, p. 131).

Como constata Castoriadis-Aulagnier (1974, p. 20).

Il y a peu de champs dans lesquels le deuil de la certitude et d'une forme de savoir soient aussi constants que dans le nôtre. Toute fin d'analyse impose à l'analyste, la nécessité de renoncer à savoir ce que deviendra le travail qui s'y est fait. De cette mise à l'épreuve à laquelle le futur soumettra les constructions par lui élaborées, seul l'analysé pourra en témoigner; et en

²⁴ "O que é que induz à mudança psíquica? Não são seguramente nossas teorias que são as responsáveis. Os pacientes evoluem, perdem seus sintomas e adquirem um novo élan de vida, com analistas munidos de teorias bastante diferentes quanto à condução do processo de cura, ou para explicar essas mudanças".

*général de ce témoignage il ne vient faire part à l'analyste.*²⁵

Tanto no momento exato, como depois, o analista nada sabe...

Quando Mannoni (1987, p. 31) afirma, nos conduzindo a nosso ponto de partida:

*C'est peut-être, en analyse, à cause des effets de transfert, quelque chose de concevable que l'autorité du psychanalyste ait quelque efficacité – mais c'est seulement un effet de transfert – et non l'effet des interprétations, c'est-à-dire qu'il s'agit de l'autorité que le patient lui prête, et non de celle que l'analyste s'attribue....*²⁶

Precisa realmente desviar-se da pretensão de saber, e admitir o mistério da transferência, isto é, do encontro e das ressonâncias que ela desperta.

Retomei, ao meu modo, para deles me servir, os propósitos de Mannoni (1979, p. 42): *L'analyste n'est pas*

²⁵ "Há poucos domínios nos quais o trabalho do luto da certeza, e de uma certa forma de saber, são tão constantes como no nosso. Todo término de análise impõe ao analista a necessidade de renunciar a saber o que vai acontecer com o trabalho ali realizado. Desta prova, à qual o futuro submeterá as construções por ele elaboradas, só o analisado poderá testemunhar; e geralmente esse testemunho, ele não vai comunicar ao analista".

²⁶ "É compreensível que, talvez durante a análise, a autoridade do analista, por conta dos efeitos de transferência, possa mostrar-se eficaz - mas é apenas um efeito de transferência - e não o efeito das interpretações; isto é, trata-se da autoridade que o paciente lhe atribui, e não a que o analista atribui a si próprio /.../".

*un spécialiste, c'est-à-dire quelqu'un qui se place au service d'un savoir impersonnel. Il est là en tant, simplement, qu'il est l'autre - et "supposé savoir".*²⁷

Tocava nesse ponto a partir de A. Touraine: precisava retornar, em sentido contrário, para além das categorias da ordem. Por retornar aos questionamentos, tinha podido verificar, graças a M. Mannoni, que é já e antes de mais nada do lado do analista, o especialista da arte, que convém desalojar a relação à ordem.

Fui compreendendo que para ajudar o sociólogo e o trabalhador sócio-sanitário, precisava questionar a postura do pseudo-sapiente, para dar lugar ao sujeito.

Retornava ao meu objeto: a criança em sofrimento, para quem não cessavam de me exigir uma política de acolhimento, porém eu trabalhava em torno da relação ator/analista.

Esse campo comum do sociólogo e do trabalhador social, no qual se podia efetuar um encontro do lugar do conhecimento, por um lado, e da ação, por outro, ao cabo do qual deveria surgir um sentido comum, A. Touraine já o havia balizado.

Era a norma social, a interrogar segundo duas posturas contraditórias - em sua fonte inicial e ou em seu curso - mas que uma mesma concepção devia agrupar. *Il faut révoquer en doute cette notion de norme*, diz A. Touraine (1981, p. 41).²⁸

²⁷ "O analista não é um especialista, isto é, alguém que se põe a serviço de um saber impessoal. Está ali, simplesmente, na medida em que ele é o outro - e "suposto saber".

²⁸ "É preciso contestar essa noção de norma".

Os praticantes, explica ele, consideram o conjunto dos problemas que estão em curso, seja do lugar do tratamento, seja do lugar da prevenção, de condutas individuais ou coletivas que nunca são associadas a um conjunto de normas consideradas como tais.

O sociólogo, ele próprio, situa-se na origem. Olha as normas, não mais como absolutas, mas como fatos,

résultat provisoire, "incohérent" "..." de rapports sociaux qui sont à la fois des rapports institutionnalisés et des rapports de force non institutionnalisés" (idem., p. 39).²⁹

Quanto mais as intervenções se tornam críticas relativamente à norma, à sua concepção como absoluto, mais a condução de conhecimento e a condução de ação se encontram.

Tanto para uma, como para a outra, o problema não se resume a mudar a norma ou a adaptar o indivíduo ou o grupo à norma – opção diagnóstica e cura –, mas a inverter o movimento, a relativizar a norma que aprisiona.

Sua postura deve obedecer à mesma abordagem: a ascensão, a partir da ordem, ao seu questionamento, na busca do que a compõe.

Quando Touraine estimula os trabalhadores sociais a se tornarem sociólogos, eles o são ou serão, enquanto "olhar da sociedade sobre si mesma" (idem., p. 39).

O que está em jogo na relação é o seguinte: o conhecimento da sociedade por ela própria.

²⁹ "Resultado provisório", "incoerente" "..." relações sociais que, são ao mesmo tempo, relações institucionalizadas e relações de força não institucionalizadas"

Trabalhador social e pesquisador, ator e analista, devem partilhar o mesmo pressuposto, cada um deles de seu próprio lugar.

Porém, o que a referência ao campo analítico me ensinou, é que, com o humano como objeto, o sentido não pode ser apreendido somente pelo analista.

Do lugar da pesquisa a posição se tornava clara.

2.3. AS RESISTÊNCIAS À DEONTOLOGIA

O instrumento primeiro do analista, é ele próprio.

Questionamento de minha legitimação profissional. "Que conhecimento do setor a senhora tem? Qual é a sua formação?" Perguntavam-me, a partir da própria, situação.

Interrogar o pesquisador, analista de uma situação, sobre a sua legitimação profissional, leva-o a refletir sobre o próprio princípio, em nome do qual baseia a sua abordagem.

Para assentar a minha, ia observando como outros procederam.

Observava a abordagem freudiana.

Ele havia elaborado o postulado do sonho, material da matéria que criara. Apoiava-se nesse postulado.

Mas, nesse momento, se perguntava: o que fazer disso?

... dans cette hypothèse, le rêve serait une manifestation du rêveur, et une

*manifestation qui ne nous apprend rien, que nous ne comprenons pas” (Freud, 1972, p. 86).*³⁰

Também, para compreender, aquele analista, primeiramente, se observava.

*Or, que feriez-vous en présence d'une manifestation de ma part, qui vous serait incompréhensible? Vous m'interrogeriez, n'est-ce pas? Pourquoi n'en ferions-nous autant à l'égard du rêveur? Pourquoi ne lui demanderions-nous pas ce que son rêve signifie? (ibid.).*³¹

Ao mesmo tempo em que constrói uma abordagem, e para construí-la, passa por si próprio.

Seu instrumento, é ele próprio.

Assim procedendo, define um método - ir perguntar ao Outro - .

Mais on ne peut faire de progrès vers une analyse proprement sociologique définie par sa cohérence et non par les intérêts qu'elle représente que dans la mesure où on reconnaît que chacun d'entre nous entre dans la connaissance de la société par une porte, en fonction de sa propre situation sociale, de ses choix politiques

³⁰ “Nesse caso, o sonho seria uma manifestação do sonhador, e uma manifestação que não nos ensina nada, que não compreendemos”.

³¹ “Ora, o que fariam os senhores em presença de uma manifestação de minha pessoa, que lhes parecesse incompreensível? Os senhores me interrogariam, não é mesmo? Por que não fariamos o mesmo em relação ao sonhador? Por que não perguntaríamos a ele o que o seu sonho significa?”

et de son histoire personnelle", afirma Touraine (1973, p. 47).³²

É, sem dúvida, nesse ponto que a construção da abordagem sociológica, que tinha como referência, e a abordagem clínica que perseguia, se reencontravam fundamentalmente, não obstante a diferença dos objetos.

Mannoni (1983, p. 43) vai confirmar: *les constructions théoriques de Freud, tout au long de sa vie, sont issues d'un drame personnel qu'il est en train de vivre ou accompagnent celui-ci*.³³

Alimentava a necessidade de não ir de improviso, facilmente, muito facilmente, ao campo conceitual: nunca perder de vista que a realidade é construída pelo sujeito pensante. Ele é tomado pelo objeto. A realidade não é dada. Ela é construída por um sujeito pensante, cujo risco maior é de esquecer a si próprio, viver unicamente como sujeito pensante, e não como ser afetivo.

O eco como abrigo

Não possuía ainda a medida exata, mas podia presumir o abismo que se abria diante do pesquisador, do analista, que corria o risco, pelo fato de desconhecê-lo, de nele precipitar-se, e o seu objeto, e o outro em busca de sentido, de inteligibilidade.

³² "Mas, só se pode avançar em direção a uma análise propriamente sociológica, definida por sua coerência e não pelos interesses que representa, na medida em que se reconhece que, cada um de nós, entra no conhecimento da sociedade por uma porta, em função de sua própria situação social, de suas escolhas políticas e de sua história pessoal".

³³ "As construções teóricas de Freud, ao longo de sua existência, se originaram de um drama pessoal que estava vivendo ou que o acompanhavam".

Deduzia daí que, o primeiro abrigo a deslocar, para perceber a teoria como ficção, era o analista, no que chamarei seus pontos mortos, e que Fedida (1977, p. 23) batizava de pontos cegos.

Le psychothérapeute de psychotiques découvre bien vite au contact du malade "qu'il a souvent pour seules ressources son analyse personnelle et l'étoffe toujours incertaine des ses qualités humaines individuelles" escrevia ele (idem, p. 22), escrevia ele (idem, p. 22).³⁴

la entendendo melhor o papel da teoria...Se ela protegia um, ela separava do outro.

Para o analista, havia um ... *point brillant placé en arrière de lui-même - qui est l'inalysé (peut-être inanalysable) d'un transfert en sa propre analyse* ³⁵ prosseguia P.Fedida (ibid., p. 23).

Usava então o termo "fascinação", que exerce o esquizofrênico no psicoterapeuta.

Aí estava o risco, o de ser levado, de permanecer prisioneiro dessa fascinação, e dela se defender pela teoria.

Mannoni (1979, p. 13) não falava de fascinação...
Pior!

C'est bien au nom d'une "folie" commune que l'analyste, tel l'interprète, peut trouver

³⁴ "O psicoterapeuta de psicóticos descobre, muito cedo, em contato com o doente, que tem sempre como únicas fontes sua análise pessoal e a matéria sempre incerta de suas qualidades humanas individuais".

³⁵ ".../ ponto brilhante colocado por trás dele próprio - que é o não analisado (talvez o não analisável) de uma transferência em sua própria análise".

*les mots pour parler avec un patient dont la position dans le monde demeure différente de la sienne propre.*³⁶

Havia estabelecido que, é somente em nome de uma problemática comum com o praticante que o pesquisador assenta sua legitimação. Fui aprendendo que ela não reside, apenas, no ato de pesquisa ou de análise, mas que devia ser retirada do próprio interior de cada um dos protagonistas do ato.

Uma palavra-chave havia sido lançada: transferência. Começava a aparecer uma outra: contratransferência.

As resistências do ator à análise, eu as havia percebido. Voltando a Freud, conjugava a resistência no plural e apreendia porque ele havia podido dizer que as resistências do paciente eram as do analista, como lembrava M. Mannoni (1979, p. 41). *Qu'est-ce qui fait que l'on devient analyste, et sur quel savoir se fonde celui qui va s'autoriser à pratiquer l'analyse?*, se perguntava (ibid., p. 11).³⁷

Ela daria a resposta, permitindo-me fechar o círculo, pôr a última pedra no edifício, ponto final da construção:

L'analyste, au cours de son analyse personnelle, est amené à renouer avec l'enfant en lui (c'est-à-dire avec les étapes de cette enfance qui ont pu s'apparenter

³⁶ "É certamente em nome de uma "loucura" comum que o analista, tal qual o intérprete, pode encontrar as palavras para falar com um paciente, cuja posição no mundo permanece diferente da sua própria".

³⁷ "O que leva a que nos tornemos analista, e em que saber se baseia aquele que vai pretender praticar a análise? "

à une "crise" de folie); il redécouvre ainsi, à travers un langage oublié, les mots perdus d'un dialecte maternel (ou langue maternelle): ce sont ces mots retrouvés, associés aux jeux, rires et drames de son enfance, qui, dans sa pratique analytique, vont lui servir à parler avec le patient ("fou", "débile" ou névrosé) (ibid., p. 11).³⁸

Por um lado, ia compreendendo porque a abordagem psicanalítica das psicoses tinha, para o analista, valor de formação, no sentido em que o psicótico interpela o mais profundo do seu ser, de todo ser. Ele lhe (nos) ensina que, o ilusório domínio do saber era apenas a recusa do analista para não entrar em seu mundo.

Por outro lado, fui deduzindo que o encontro do Outro passa, primeiramente, pela descoberta de sua própria aflição. O eco não pára de aí chegar.

Mesmo se muitos pontos permanecessem não analisados, essa descoberta se apresentaria como garantia *sine qua non* do sobrevir do trajeto singular do Outro em pesquisa.

Ela evitaria o discurso do tratamento, que tende a adaptar, a pedagogizar, em detrimento de uma invenção passar a palavra recíproca.

³⁸ "O analista, durante a sua análise pessoal, é levado a restabelecer os laços com a criança que nele habita (isto é, com as etapas dessa infância que puderam assemelhar-se a uma "crise" de loucura); ele redescobre assim, através de uma linguagem esquecida, as palavras perdidas de um dialeto materno (ou língua materna): são essas palavras reencontradas, associadas aos jogos, risos e dramas de sua infância, que, na sua prática analítica, vão lhe servir para falar com o paciente ("louco", "débil mental" ou neurótico)".

Aprendi, em seguida, que a epistemologia da pesquisa é o campo de um vasto debate, no qual já havia tomado posição.

Fui ler depois Devereux (1980, p. 20).

*Les sciences du comportement deviendront plus simples quand elles commenceront à traiter les réactions personnelles du savant à son matériau et à son oeuvre comme les données les plus fondamentales.*³⁹

A fascinação era perturbadora.

A defesa, barragem ideológica, edificava-se, fortaleza imediata. Tudo isso porque o eco era primordial. Não observado, desviava a solução para a fusão.

Mas, havia compreendido que a ideologia não estava apenas do lado do ator...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMIOT, M. "L'intervention sociologique, la science et la prophétie", **Sociologie du Travail**, n. 4, p. 415 - 424. 1980.

CASTORIADIS-AULAGNIER, P.: "A propos de la réalité: savoir ou certitude", **Topique**, n. 13, p.5 - 23. 1974

³⁹ "As ciências do comportamento tornar-se-ão mais simples, quando começarem a tratar as reações pessoais do cientista ao seu material e à sua obra, como os dados mais fundamentais".

CHEBAUX-SCHALLER, F. e SCHALLER, J.-J.: **De la violence idéologique au marginal comme expression du manque. Sociologie des représentations de la marginalité et du marginal**, EHESS. 1981

_____. **Marginalité et société dans le travail social, Déviance et Société**, 9, n. 3. 1985

DEVEREUX, G.: **De l'angoisse à la méthode**, Paris, Flammarion. 1986

DUBOST, J. De la sociologie de l'action à l'action de la sociologie: la pratique d'intervention d'A. Touraine, **Connexions**, n. 29, p. 143 - 166. 1980

FEDIDA, P. Jirface à SEARLES, H. **L'effort pour rendre l'autre fou**, Paris, Gallimard. 1979

FREUD, S.: **Introduction à la psychanalyse**, Paris, Payot. 1972

GORI, R. e MIOLAN, C. "Fragment d'une pratique de formation. A propos du transfert et du contre-transfert dans les groupes-Balint", **Connexions**, n. 31, p. 71 - 101. 1980

HERZLICH, C. **Médecine, maladie et société**, Mouton. 1970

LUCAS, P. Une autre relation thérapeutique, l'expérience de Montceau-les-Mines, in **Esprit**, n. 4, p. 51 - 74. 1978

MANNONI, M. **La théorie comme fiction**, Seuil. 1979

_____. **Un savoir qui ne sait pas**, Denoël. 1985

MANNONI, O. Le divan de Procuste, In; Mc DOUGALL, J., MANNONI, O., VASSE, et al. **Le divan de Procuste**, Paris, Denoël, p. 15 - 32. 1987

- Mc DOUGALL, J. Le roman du pervers, les néo-sexualités, **Le divan de Procuste**, p. 105 - 135. 1987: **Le divan de Procuste**
- MOTTEZ, B. Le médecin, le comptable et l'alcoolique, **Sociologie du Travail**, n. 4, p. 381 - 393. 1976
- RAMOS LOPES DA SILVA, M. I. **De l'éducation des enfants à la formation des adultes, vers une méthodologie de la recherche-action**, doctorat de l'Université de Caen, CERSE. 1993
- STEIN, C. "Discussion", in **Le divan de Procuste**, p. 33-46. 1987
- TOURAINÉ, A., DUBET, F., WIEVIORKA, M. **Le mouvement ouvrier**, Paris, Fayard. 1984
- _____. **Production de la société**, Seuil. 1973
- _____. **La voix et le regard**, Seuil. 1978
- _____. Réponse à M. AMIOT, **Sociologie du Travail**, n. 4, p. 425 - 430. 1980
- _____. Le sociologue et la sociologie, **Informations Sociales**, n. 5, p. 39 - 47. 1984
- _____. **Le retour de l'acteur**, Seuil. 1984
- VASSE, D. **L'ombilic et la voix**, Seuil. 1974
- WINNICOTT, D.W. **Processus de maturation chez l'enfant**, Payot, 1962.
- _____. **Jeu et réalité**, Gallimard, 1975
- WOLTON, D. Qui veut savoir, **Esprit**, n. 7 - 8, p. 36 - 47. 1977

Tradução de **Marcos Antonio de Carvalho Lopes** - NEPEC. O tradutor agradece ao Dr. Arnaldo Rodrigues Bezerra Filho, professor da UFRN, pela leitura atenta do texto final de tradução.